

Colônia e metrópole, uma relação em crise

Abertura

O fato de ser alferes influiu para transformar-me em conspirador, levado a tanto que fui pelas injustiças que sofri, preterido sempre nas promoções a que tinha direito. Uni as minhas amarguras às do povo, que eram maiores, e foi assim que a idéia de libertação tomou conta de mim.

Assim falou o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, durante o inquérito sobre a sua participação, e de outros habitantes de Vila Rica (atual Ouro Preto), numa conspiração contra a Coroa portuguesa.

Todo o processo da Conspiração Mineira, que levou três anos – de 1789, quando os conspiradores foram presos, até 1792, quando foram julgados –, está descrito nos vários volumes dos *Autos da Devassa*. Por esse documento histórico, que pode ser consultado em bibliotecas, ficamos sabendo que o “abominável” crime dos conspiradores mineiros foi o de querer romper os laços de dependência que a região das Minas mantinha com a metrópole portuguesa.

Nesta aula, vamos discutir as grandes mudanças que o século XVIII trouxe para a América Portuguesa. Começemos pelas Minas Gerais, e veremos que aí se formou uma sociedade diferente, com mineradores, comerciantes, artesãos, todos atraídos pela **febre do ouro**.

Essa riqueza da colônia exigiu uma política mais firme de vigilância e de repressão por parte de Portugal. As insatisfações dos colonos cresceram, e ocorreram conspirações contra o domínio português em vários pontos, além de Vila Rica. As novas idéias de liberdade que corriam a Europa chegavam à América Portuguesa.

Movimento

A sede do ouro

A sede insaciável do ouro estimulou tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos como são os das minas, que dificilmente se poderá dar conta do número das pessoas que atualmente lá estão.

Quem nos conta sobre a corrida do ouro é o jesuíta italiano Antonil, o mesmo que descreveu em detalhes, na Aula 6, o funcionamento de um engenho de açúcar. Antonil esteve na América Portuguesa no início do século XVIII. Deixou um livro intitulado *Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas*, que é uma importante fonte para a história do período colonial.

Se você se lembra do garimpo de Serra Pelada, até pode imaginar o que aconteceu no sertão das Minas, ocupado por multidões de aventureiros vindos de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Sergipe. Da serra da Mantiqueira até Cuiabá, a terra foi ocupada por homens de poucos recursos, porém desejosos de riqueza fácil. De 1700 a 1760, só de Portugal vieram mais de 10 mil **reinóis**, como eram chamados os originários do “reino”.

Segundo a historiadora Laura Vergueiro (*Opulência e miséria das Minas Gerais*, p.17), muitos navios foram abandonados nos portos de Santos e do Rio de Janeiro pela tripulação, a quem os trabalhos nos garimpos pareciam mais promissores que as longas travessias marítimas.

Desesperados, os comandantes recorriam às autoridades locais, que por sua vez escreviam ao rei, dando queixa da situação.

A realidade da região das Minas era menos dourada do que se esperava. Não havia alimentos suficientes para sustentar tanta gente. Nos anos de 1697-98 e 1700-01 ocorreram terríveis crises de fome, e, conta Antonil, “acharam-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão”.

A comida, a bebida, a roupa, tudo era lá vendido a peso de ouro. Os comerciantes foram os que mais enriqueceram, trazendo de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Salvador artigos como milho, trigo, frutas. Muito procurados eram os animais domésticos e de carga vindos do Sul e, ainda, produtos importados da Europa, como sal, ferramentas e tecidos.

Pouco a pouco, foram se desenvolvendo na região mineradora as roças de alimentos e a criação de animais domésticos. Carpinteiros, alfaiates, ferreiros, pedreiros, pintores aí foram se instalando.

Mas o artigo indispensável nas minas – como em qualquer outra região da colônia – era o escravo negro. Milhares deles foram levados à região mineradora para trabalhar numa atividade completamente diferente da agricultura. Eles tinham agora de encontrar nos rios, ou arrancar da terra, o ouro e os diamantes. Para incentivá-los, os mineradores, em troca da descoberta de um veio, prometiam alforriá-los. Outras vezes, a liberdade era comprada com o ouro escondido nos cabelos ou algum diamante engolido.

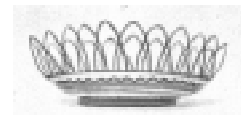
Você já deve ter ouvido falar de **Chico Rei**, o negro que achou ouro e passou a comprar cartas de alforria para outros escravos. Ou ainda de **Chica da Silva**, a negra e rica mulher do português João Fernandes de Oliveira, poderoso contratador de diamantes da região do Tijuco, no Distrito Diamantino.

A população de Minas Gerais, por volta de 1770, era superior a 300 mil habitantes. Os mulatos representavam pouco mais de um quarto da população mineira; só uma pequena porcentagem era escrava.

Se a esse número se somar a quantidade de negros (escravos e forros), sobe para quase 80% a população não-branca nas Minas.

Percebeu como a sociedade mineira era bem mais diferenciada que a açucareira, que se desenvolveu no litoral nordestino? Nas cidades de Vila Rica, Ribeirão do Carmo e Sabará, além da maioria negra e mestiça, conviviam lado a lado ricos mineradores, comerciantes e fazendeiros, padres, militares e funcionários da Coroa, artistas e artesãos.

Em tempo



Utensílios artesanais feitos de palha e vime.

Em tempo

Utensílios artesanais feitos de madeira.



Lá se construíram, com o poder do ouro, muitas igrejas **barrocas**, ponto de atração dos turistas que hoje visitam as cidades históricas mineiras. Lá, Aleijadinho esculpiu suas estátuas, integrando-as a um conjunto arquitetônico que é hoje patrimônio da humanidade.

Igreja de São Francisco, em Ouro Preto.



Estátua do profeta Daniel, em Congonhas do Campo.

O ouro trouxe para as Minas uma grande quantidade de **reinóis**. Para lá foram, além de funcionários encarregados da administração e da cobrança dos impostos, milhares de aventureiros em busca do Eldorado.

Como reagiram os paulistas diante da ocupação da região das Minas, por eles descoberta? Os paulistas não aceitaram os **emboabas**, como eram denominados todos os forasteiros, principalmente os reinóis, que tinham mais facilidade de conseguir terras e escravos. As tensões entre paulistas e emboabas geraram um grave conflito nas Minas, em 1708-09, e a Coroa teve de intervir na região, enviando um governador para a recém-criada capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Batidos pelos emboabas, muitos paulistas rumaram para Goiás e Mato Grosso, onde também descobriram ouro e diamantes.

Para Portugal, o fundamental era que as Minas continuassem a produzir. Em sérias dificuldades econômicas desde meados do século XVII, a partir da queda do preço do açúcar no mercado internacional, a Coroa portuguesa logo percebeu que o ouro brasileiro seria a solução de seus problemas. Com ele, poderia cobrir o desequilíbrio da balança comercial com a Inglaterra, para quem vendia vinhos e de quem comprava tecidos de lã e de algodão.

É comum ouvir que o ouro abriu buracos no Brasil, construiu palácios em Portugal e financiou indústrias na Inglaterra. Ou, ainda, que o ouro passava pela garganta de Portugal, mas acabava no estômago da Inglaterra.

Como você explicaria essas afirmativas?

Controlando a colônia

A produção aurífera alcançou níveis extraordinários, atingindo seu ponto máximo entre 1741 e 1761, quando de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso foram extraídas cerca de 290 toneladas de ouro.

Achado o ouro, o importante agora era organizar e controlar a sua exploração. Já em 1702 era criada a **Intendência das Minas**, dirigida por um funcionário da Coroa e a ela diretamente subordinado. Ao intendente caberia estabelecer as normas para a distribuição das terras a serem exploradas e administrar os conflitos numa região tão violenta. Essa intervenção da metrópole na região das Minas visava sobretudo garantir que o ouro se dirigisse aos cofres do reino e não se perdesse nos descaminhos. Foi então criada uma casa de fundição, no Rio de Janeiro, para transformar o ouro em barras e controlar a arrecadação do **quinto**, um imposto de 20%, que caberia à Coroa portuguesa.

Como reagiram os colonos a essa rigorosa política de fiscalização da metrópole? Apelaram para a falsificação e o **contrabando**, freqüentemente com a cumplicidade dos intendentes e outros funcionários da Coroa.

Segundo o historiador Carl Boxer (*A idade de ouro do Brasil*, p. 163), foram descobertas, em Vila Rica, uma casa da moeda e uma fundição clandestinas. Operadas por quadrilhas de falsários, contavam com o apoio do próprio secretário do governador da capitania, e, segundo corria à boca pequena, com a proteção de d. Fernando, irmão do rei português, d. João V.

Presos em flagrante, os falsários foram enviados a Lisboa, mas nada lhes aconteceu. Tempos depois, voltaram às Minas.

Como o governo metropolitano reagiu às tentativas dos colonos de fugir da pesada carga de impostos e da fiscalização implacável? Você talvez até saiba a resposta... A Coroa portuguesa criou novos impostos e aumentou a vigilância.

Os mineradores tinham de pagar taxas sobre os escravos, além de pedágios para transitar nas estradas que iam para as Minas. E não parava por aí. Havia ainda os **donativos**, que eram uma espécie de imposto provisório para atender a um objetivo específico, mas que depois se tornavam permanentes.

Para resolver o problema do descaminho do ouro entre as Minas e o Rio de Janeiro, o governo português determinou a instalação de casas de fundição em Vila Rica. Aí o ouro seria transformado em barras e selado, depois de retirada a quinta parte que cabia ao governo português. O contrabando ficou mais difícil, e as punições aos contrabandistas aumentaram. A inquietação tomou conta da população de Vila Rica.

Em 1720, uma rebelião liderada pelo rico minerador Pascoal da Silva Guimarães e pelo fazendeiro Filipe dos Santos tomou conta da cidade por vinte dias, exigindo a suspensão das casas de fundição. Filipe dos Santos foi preso e sumariamente condenado à morte por enforcamento. Seu corpo foi esquartejado e espalhado pelos quatro cantos da cidade para servir de exemplo.

Mesmo assim, a arrecadação dos impostos continuava a cair. O que fazer? A Coroa resolveu adotar o sistema de cota fixa no valor de cem arrobas por ano

A região das Minas Gerais, com seus ricos veios de diamantes e de ouro, foi o palco da Inconfidência Mineira, no final do século XVIII.



(cerca de 1.500 quilos de ouro) por área mineradora. No caso de o tributo ser pago atrasado, ou não atingir a quantidade desejada, Portugal poderia proceder à **derrama**, obrigando cada morador da região a pagar esse imposto atrasado.

Já deu para sentir que as relações entre a colônia e a metrópole portuguesa modificaram-se muito ao longo do século XVIII. Cada vez mais dependente dos recursos gerados em suas áreas coloniais, a Coroa portuguesa procurou tirar delas o maior rendimento possível.

Essa foi a marca da política de Sebastião José de Carvalho e Melo, o **marquês de Pombal**, que, de 1750 a 1777, foi primeiro-ministro do rei d. José I. A preocupação central de

Pombal era tornar mais eficiente a exploração da colônia, centralizando sua administração nas mãos da Coroa.

Para tanto, Pombal tomou várias medidas. Procurou marcar as novas fronteiras da América Portuguesa, com atenção especial para a Amazônia. Acabou definitivamente com as capitânicas hereditárias criadas nos primeiros anos da colonização. Expulsou os jesuítas de Portugal e das colônias, já que os considerava um poder que fazia sombra ao próprio rei.

Em tempo

Mais de quinhentos religiosos foram expulsos da América Portuguesa. Com isso, o ensino na colônia ficou muito prejudicado, já que era quase totalmente monopolizado pelos jesuítas.

Foi criado então um imposto, o **subsídio literário**, para manter as **aulas régias** – o ensino mantido pelo Estado.

Tornar a colônia mais eficiente significava fazê-la render mais para Portugal. Era preciso acabar com o contrabando, restaurar o **exclusivo** português no comércio colonial e ter um estreito controle das riquezas coloniais, em especial do ouro. A colônia teria de produzir cada vez mais, e essa produção deveria se dirigir para a metrópole.

Em tempo

Você já aprendeu que a relação entre a América Portuguesa e a sua metrópole se modificou ao longo do século XVIII. Releia o texto e faça um resumo das principais mudanças.

Mas qual seria a reação dos colonos a essa política pombalina de arrocho do pacto colonial? O pacto colonial, você se recorda, foi explicado na Aula 5.

Pombal convocou vários brasileiros para trabalhar em órgãos da administração do Estado. Mas os membros da elite colonial – poderosos fazendeiros, ricos comerciantes e mineradores – não viam com bons olhos as iniciativas da metrópole para estabelecer maior controle e exploração sobre a colônia. Começaram a crescer, entre eles, as novas idéias de liberdade que corriam a Europa no final do século XVIII.

Colônia e metrópole: uma relação em crise

Desde a época de vossa gloriosa independência, os bárbaros portugueses não poupam nada para nos fazer infelizes, com receio de que sigamos os vossos passos. É como sabemos que esses usurpadores, contra a lei da natureza e da humanidade, não pensam senão em nos abater, decidimo-nos a seguir o admirável exemplo que acabais de nos dar...

Esse é um trecho da carta que, em 1786, José Joaquim Maia, estudante mineiro da Faculdade de Medicina de Montpellier, enviou a Thomas Jefferson, embaixador americano na França e um dos líderes do movimento que, dez anos antes, em 1776, conduziu à independência dos Estados Unidos da América do Norte.

Essa presença de mineiros nas universidades européias – em 1786 havia doze mineiros entre os 27 brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra – deveu-se, é claro, à riqueza que conseguiram acumular. Foi essa elite rica e letrada que, em contato com as novas idéias “iluministas” francesas, liderou uma conspiração contra o domínio português nas Minas. Mas o que eram essas **idéias iluministas francesas**, que tanto encantaram os conspiradores de Vila Rica?

Ao longo do século XVIII, principalmente na França, começou-se a criticar o absolutismo e o poder divino dos reis, a falta de liberdade econômica e a força da nobreza. Os grupos burgueses, ligados ao comércio, à indústria e às finanças, defendiam a redução dos monopólios controlados pelo rei e pediam mais liberdade para realizar seus negócios. Intelectuais lutavam pela igualdade de todos perante a lei, pelo direito de voto e por uma Constituição que determinasse os direitos e os deveres dos cidadãos.

Você já deve estar entendendo por que essas idéias “francesas” faziam tanto sucesso nas cidades mineiras. Para a elite rica e letrada, significavam o fim da “opressão” metropolitana e o desaparecimento das “terríveis” desigualdades entre colonos e reinóis.

Repare como José Joaquim Maia se refere aos “bárbaros” e “usurpadores” portugueses. Verifique as queixas de Tiradentes quanto à “injustiça” de ter sido sempre “preterido nas promoções” a oficial, porque era nascido na terra, e não no reino.

Nos *Autos da Devassa* estão relacionados os nomes dos participantes da conspiração. Começamos por Tiradentes, alferes (suboficial) do Regimento dos Dragões de Minas, entusiasmado ativista do movimento. Bem-relacionado com membros da elite de Vila Rica, Tiradentes era, no entanto, homem de poucas posses e origem social simples. Foi preso no Rio de Janeiro, quando tentava fazer contatos com outros conspiradores e conseguir armas. Foi o único que recebeu a pena máxima, a condenação à forca e ao esquartejamento. Seus restos foram



Tiradentes

expostos ao longo da estrada que ligava o Rio a Minas, para que sua punição servisse de exemplo. Esse ato, que hoje consideramos chocante, era uma prática usual da justiça, naquela época.

Membros de destaque da elite intelectual de Vila Rica aparecem também na *Devassa*: o rico advogado Cláudio Manuel da Costa, o desembargador e poeta Tomás Antônio Gonzaga, o médico Domingos Vidal Barbosa, o comandante dos Dragões, Francisco de Paula Andrade, os padres Correia de Toledo, Oliveira Rolim e o cônego Luís Vieira de Toledo, dono de uma vasta biblioteca com obras dos iluministas franceses e sobre a independência norte-americana.

A chegada do visconde de Barbacena, o novo governador das Minas, e as notícias de que logo seria decretada a derrama, mobilizaram um outro grupo formado por fazendeiros e mineradores, grandes devedores do Tesouro Real que temiam perder suas propriedades.

Em troca do perdão das suas dívidas, Joaquim Silvério dos Reis denunciou, em março de 1789, os nomes

e os planos da conspiração. A idéia central era a proclamação de uma república na região das Minas, cuja capital seria São João d'El Rei.

Os denunciados foram presos, e, com exceção de Cláudio Manuel da Costa, que teria se suicidado na prisão, e de Tiradentes, que foi executado, os demais foram perdoados ou degredados para a África.

Cem anos depois, com a proclamação da República, em 1889, Tiradentes se transformou em herói, em "mártir" da independência nacional. A data de sua morte, 21 de abril de 1792, virou feriado nacional. A cena do seu suplício foi imaginada por vários pintores, como Pedro Américo, Eduardo Sá e Rafael Falco.

Em outros pontos da colônia houve também manifestações de insatisfação em relação à "opressão" da metrópole.

A crise da mineração e a perda da condição de capital para a cidade do Rio de Janeiro haviam empobrecido a população baiana, às voltas com a carestia e a falta de alimentos. Em agosto de 1798, em Salvador, apareceram panfletos conclamando o "magnífico povo bahiense" a se levantar contra o domínio português. Inspiradas pela Revolução Francesa (1789), propostas como a proclamação da República, o fim da escravidão e das diferenças raciais e o livre comércio eram os principais pontos defendidos pelos conspiradores baianos – muitos deles alfaiates, carpinteiros, soldados, sapateiros. A repressão agiu rapidamente, e logo começaram as prisões. Dessa vez, foram quatro os condenados à morte. Punição muito severa, devida sobretudo à origem mais humilde dos conspiradores e ao medo das rebeliões de negros e mulatos.

Na cidade do Rio de Janeiro, elevada à condição de capital colonial desde 1763, alguns intelectuais, reunidos na chamada **Sociedade Literária**, foram acusados de discutir as “abomináveis” idéias da Revolução Francesa. Presos em 1794, ficaram dois anos na cadeia.

No final do século XVIII, novas idéias corriam a Europa e a América Portuguesa. Idéias que falavam de liberdade, igualdade e fraternidade. Na França, o rei e a rainha foram presos e guilhotinados. Os privilégios da nobreza e da Igreja foram extintos. O povo passou a ser tratado como cidadão.

Na América Portuguesa, a elite colonial começava a achar que era chegada a hora da separação da metrópole. Queria liberdade para comerciar, pagar menos impostos, ocupar o governo.

A independência só veio em 1822. Tal como no século XVI fora enfrentado o desafio de montar a América Portuguesa, agora era o tempo de construir uma nação, o Brasil. É o que veremos na segunda parte do nosso curso. Acompanhe-nos.

Últimas palavras

Exercício 1

Justifique a expressão “sede de ouro”, utilizada por Antonil para se referir ao que ele viu na região das Minas no início do século XVIII.

Exercício 2

Releia o item **A sede de ouro** e observe que a sociedade mineradora apresentava características diferentes das demais regiões da colônia. Relacione algumas dessas características.

Exercício 3

Releia o item **Controlando a colônia** e relacione as principais medidas que a Coroa portuguesa adotou para garantir que o ouro da colônia não se perdesse nos “descaminhos”.

Exercício 4

É comum ouvir que o ouro da América Portuguesa passava pela garganta de Portugal, mas acabava no estômago da Inglaterra. Explique essa afirmativa.

Exercício 5

Justifique o título da aula **Colônia e metrópole, uma relação em crise**.

Exercícios

